

Radio 21.11.62

C. Povo 21.11.62

E. B. & E. L. 135

4

Rubem Braga

OS DOIS ERAM GENTIS-HOMENS

ENQUANTO vou deixando passar os dias, aqui, neste Marrocos, em que tão escassas me chegam notícias do Brasil, recebo, com certo intervalo, duas notícias de Pernambuco: morreu Aníbal Fernandes... morreu Olívio Montenegro...

"Eu não posso continuar a discutir com você porque você é um reles almocreve paraibano e eu sou um gentil-homem pernambucano!"

Essa frase foi dita no antigo cabaré "Taco de Ouro", há 26 anos atrás. Quem a disse foi Aníbal Fernandes; e a disse para Olívio Montenegro. Antes, Olívio chamara, irônicamente, a Aníbal de gentil-homem. Aníbal ripostara — dedo em riste, com veemência. Nós todos tínhamos bebido alguma coisa — aquilo era, se bem me lembro, uma despedida do Ganot Chateaubriand, o bom Ganot, que pagara uma cervejada para todo o pessoal do "Diário de Pernambuco" naquele bar que há embaixo da redação e depois levava alguns relatores e colaboradores para tomar uísque e uma champanha no cabaré. Tivemos medo de que aquelas ironias se azedassem e os dois amigos acabassem brigando; lembro-me de que Gilberto Freyre ficou acalmando (talvez também atiçando...) Aníbal e eu tomando conta do Olívio. Tomando conta sem necessidade nenhuma: lento, a cabeçorra a balançar devagar, Olívio não pensava em briga: "paraibano com muita honra, ouviu? almocreve com muita honra, já ouviu?"

há 45 anos atrás.

Esse seu fim de frase "já ouviu" às vêzes se reduzia a um "joviu".

Era, na verdade, um gentil-homem. Os dois eram gentis-homens autênticos, dêsses que o Nordeste os tem, mas pouco os exporta para o Sul. Homens presos a uma região, a uma cidade, presos, quem sabe, à brisa entre coqueiros, ao gôsto e ao cheiro de certas frutas, a um estilo de vida meio largado e ainda cavaleiresco, capaz de dar a êsse escravo que é todo trabalhador intelectual um ar de grão-senhor entre cajueiros — como Gilberto Freyre, como Antíogenes Chaves, como o ~~titular~~ o sandez Gilberto Freyre.

o sandez Gilberto Freyre

Imagino os artigos que se escreverem sôbre um e outro — sôbre o crítico lúcido, profundamente honesto e penetrante que era Olívio Montenegro e sôbre o jornalista exemplar, perfeitamente magistral, que era Aníbal Fernandes. Mas neste momento estou pensando apenas em mim mesmo, no quanto êles me desfalcam o meu Recife, no quanto lhes sou grato pela acolhida que deram em 1935 a um rapazinho meio bruto de 22 anos que queria salvar o mundo — e que êles admitiram em sua roda serenamente, não com essa complacência barata e interesseira com que as vêzes o escritor já formado trata o "nôvo" — mas uma cordialidade tranqüila, simples, de aristocratas do espírito.

sempre vivo

E apenas posso mandar um abraço triste de solidariedade para os meus amigos que eram também amigos de Aníbal Fernandes e de Olívio Montenegro

520-74-62